

Dados muito mexidos neste final de mais um ciclo global. Conjuntura confusa. Temperatura em elevação. Ar pesado de tempestade se aproximando. Preparem capas, guarda-chuvas e galochas. E pelo menos uma canoinha para quem mora nas regiões mais baixas da periferia. Vejamos pelas frestas do mais recente relatório da OCDE dos **indicadores compostos avançados** (sigla CLI no relatório em inglês). Os leitores da Crítica já sabem o que procura este seu velho conhecido de outros ciclos: antecipar, ousadamente, a atividade das principais economias mundiais nos próximos seis meses.

Começando pelo título do último relatório, publicado nesta segunda-feira, 10/Julho/2017: “os indicadores compostos avançados continuam assinalando um ritmo de expansão estável na zona da OCDE”. Muito ambíguo. Tomando os próprios números do relatório, esse diagnóstico otimista (para o capital, claro) só poderia ser aplicado à zona do Euro. Mesmo assim, parcialmente.

Neste caso, observa-se o que podemos chamar de **recuperação tardia na zona do Euro**. Mas isso é mais evidente apenas para a Alemanha e, principalmente, para a França. Nas duas maiores economias do euro observa-se de fato uma *inflexão positiva do crescimento*. Isso pode dar uma sensação de volta ao crescimento e estabilidade para todo o bloco. Não se fala muito mais em crise na Grécia, Portugal, Espanha, Irlanda, Itália... Isso é correto, pois Alemanha e França são efetivamente as economias reguladoras do bloco. Principalmente a primeira.

O problema é que essa regulação germânica aparece da maneira mais imperfeita possível para outras grandes economias do bloco. Mantém todas na UTI. Respirando por aparelho. Aguardando o sinal do próximo choque global para serem removidas para o necrotério do hospital.

Começando pela Itália, que apresenta tendência de *sinais de possível inflexão negativa de crescimento*. Pomposo eufemismo para, em nosso ponto de vista, uma **real e acelerada inflexão**. Os números da página 3 do relatório comprovam nossa avaliação.

Quer dizer, nova frente fria para a Itália nos próximos meses. O seu sistema bancário não passa de um monte de esqueletos aguardando sepultamento. A velha bota só aguarda o próximo choque global para glorioso funeral.

O mesmo ocorre com a decadente Inglaterra, imperialissimamente grafada no relatório como “Reino Unido”. Pior ainda é quando é chamada pela imprensa e pelos velhos parasitas da “City” de “Kingdom of Great Britain”. No relatório aparece com a mesma menção da Itália: *sinais de possível inflexão negativa de crescimento*.

Talvez a situação inglesa esteja em estágio de deterioração mais avançado que a economia

italiana. Questão de minúcias: no relatório ela aparece abaixo da linha de tendência do ciclo, enquanto a italiana só deve aparecer nessa zona morta no próximo relatório.

A única coisa que pode amenizar a bordoadada que se prenuncia para a Inglaterra é o Brexit. Sair da falida União Europeia foi uma decisão inteligente. Ninguém tem uma tradição de sobrevivência frente aos grandes cataclismos históricos como os ingleses.

Mas se se utiliza para a zona do euro o critério de economia reguladora, o mesmo se pode fazer para a totalidade do globo. E, neste caso, as perspectivas apontadas no relatório são altamente alvissareiras. Não para o capital, mas para a Crítica.

Tanto a **Zona OCDE**, que lista as principais economias do mundo – incluindo rebotalhos como Índia, México, Brasil, etc. – quanto o chamado **Grupo dos 7 (G7)**, que engloba as sete maiores economias do mundo – EUA, Alemanha, França, Inglaterra, Itália, Japão e Canadá – já aparecem no relatório com variações mensais negativas.

Lembrando, de passagem, que o Japão ainda é diagnosticado no relatório com a menção de *dinâmica de crescimento estável*, o que coincide com a avaliação da Crítica, a pergunta que se coloca é a seguinte: quem então está puxando a Zona da OCDE e o G7 para a tendência de inflexão do crescimento? Para a zona morta abaixo da linha de tendência?

Acertou na mosca quem apostou no destrambelhado Estados Unidos da América do grande e simpaticíssimo filósofo Donald Trump.

Em primeiro lugar, há bom tempo a economia de ponta e reguladora do mercado mundial já é registrada no relatório da OCDE abaixo da linha de tendência do ciclo (abaixo de 100).

Em segundo lugar, e mais importante, as variações mensais dos EUA neste ano de 2017 são crescentemente negativas. No entanto, os economistas da OCDE – mais políticos que economistas na medida em que a perspectiva da economia se agrava – diagnosticam para os EUA *sinais de possível inflexão do crescimento*.

Outro pomposo eufemismo para **acelerada inflexão**. Mais claramente ainda que na Itália, que pelo menos ainda se apresenta no relatório com a credencial acima da linha da tendência.

Acontece que a análise cuidadosa da situação da economia norte-americana é a providência mais importante para uma previsão do tempo mais precisa para a economia mundial. Se a economia alemã joga o papel regulador para a zona do euro, a norte-americana joga para o mercado mundial.

Por essas mais do que evidentes razões, dedicaremos um próximo e especial boletim semanal para observar na lupa as condições atuais de valorização do capital naquela economia de ponta do sistema.

Finalmente, no relatório da OCDE a previsão de tempo para a economia brasileira nos próximos seis meses é registrada como *inflexão positiva de crescimento*. E situa a maior economia do mundo do lado de baixo do Equador bem acima da linha de tendência do ciclo. É um diagnóstico muito otimista, do ponto de vista dos capitalistas do imperialismo. Também não coincide com a avaliação da Crítica. Mais uma vez, como no diagnóstico dos EUA, uma avaliação dos técnicos da OCDE com mais política do que com economia.

Veremos, com mais cuidado, a partir dos próprios números apresentado no seu relatório, o porquê desta nossa discordância.

Assim, por razões meramente acidentais – dadas as relações geográficas e pessoais da redação da Crítica com o Brasil – a situação do tempo cíclico desta economia, do mesmo modo que a dos EUA, também merecerá um próximo boletim semanal da Crítica.